



A influência do trabalho escravo nos engenhos e nas fazendas de cana de açúcar no estado de Mato Grosso no século (XVIII e XIX).

Leandro de Almeida – UNEMAT/UAB – (Leandro.a@enamt.br)
Milton César Neres de Oliveira - Sec. Educação do Mato Grosso

RESUMO

Este artigo visa discutir a influência, as relações de trabalho e o emprego da mão de obra escrava, em todo o processo de produção do açúcar e da aguardente nos engenhos e nas usinas de Mato grosso, sendo que na região Sudoeste os canaviais e o emprego da mão de escrava se edificaram nas Fazendas: Jacobina, Facão, Descalvados e Ressaca, fazendas que foram instaladas na segunda metade do século XIX e início do século XX, as margens do rio Paraguai no município de Cáceres. Destaca-se ainda a vinda dos negros e o legado cultural deixado por esses povos em todos os setores da sociedade mato grossense e brasileira naquele período. Discute a influência e o poderio econômico e político que os senhores donos de engenhos desempenharam e desfrutavam no contexto social, que mais tarde se tornaram grandes latifundiários, usineiros e ao mesmo tempo, desempenharam o papel de coronéis da política local e regional no Brasil. Para a realização desta pesquisa foram utilizadas algumas etapas básicas, como o levantamento bibliográfico e leituras em livros, artigos científicos, filmes, pesquisas na internet sobre o tema e relatos históricos sobre essas fazendas e do seu processo produtivo e da escravidão em mato grosso. Este trabalho pautou nas ideias e nas concepções de autores como: Andrade, Cervo e Bervian, Machado, Póvoas, Reis e Gomes, Siqueira, Volpato e outros. Sendo assim acreditamos ainda que se colocando a centralidade na pessoa humana, buscando garantir seus direitos básicos e inalienáveis e sua dignidade de trabalho é que conseguiremos alterar este grave quadro de trabalho escravo, ainda muito presente em pleno século XXI, não só no estado de Mato grosso, mas em muitas regiões do nosso país.

Palavras-chave: Trabalho escravo, engenhos, cana de açúcar, usinas e escravidão.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca mostrar de forma sucinta, a influência e a importância da mão de obra e do trabalho escravo, bem como as relações de trabalho nas fazendas e nos engenhos produtoras de açúcar e da aguardente no estado de Mato grosso, A partir do século XVIII e XIX, engenhos esses que mais tarde foram transformados em pequenas e grandes usinas produtoras desses produtos e demais derivados da cana.

Esta pesquisa tenta enfatizar e compreender também além do trabalho escravo, das relações de trabalho e da produção do açúcar e da aguardente nos canaviais em mato grosso e na região oeste. Destacando o papel social e econômico que essas fazendas e os engenhos desempenharam naquele período, mas precisamente na figura dos seus proprietários, ou seja, dos senhores donos de engenhos que, mas tarde se tornaram grandes usineiros pessoas de destaque no cenário político e social em nosso estado naquela época.

Lembrando que essas fazendas e esses empreendimentos monocultores tinham na mão de obra escrava a base do sustento e do lucro dos seus proprietários, que monopolizavam todo o processo produtivo da cana de açúcar, baseados na escravidão e no trabalho dos negros em todo o estado e na região de Cáceres. O tema aqui proposto vem de encontro ao meu real interesse em aprender e compreender sobre a história e a cultura afro-brasileira, o povoamento e o legado cultural deixado por esses povos africanos que para cá, foram trazidos e traficados para serem utilizados como mão de obra escrava nos canaviais do Brasil. Sendo que em Mato grosso essas relações de trabalho e de exploração entre o homem branco e o negro não foi diferente do restante do nosso país.

Os primeiros engenhos a serem implantados em Mato grosso datam desde o início das primeiras décadas da sua fundação em (1719). Inicialmente os primeiros engenhos se espalharam pelas margens do rio Cuiabá, Chapada dos Guimarães e mais tarde se edificaram até as margens do rio Paraguai. Alguns fatores contribuíram para que essas atividades agropastoris se consolidassem no estado, como a crise econômica e social que assolavam a capitania naquele período, os solos férteis, a inundação das margens dos rios no período chuvoso, o clima com duas estações bem definidas com chuva e calor, bem como o grande número de negros, utilizados como trabalhador escravo nos canaviais mato grossense.

Já na região Sudoeste propriamente dito na cidade de Cáceres as primeiras fazendas se localizavam as margens do rio Paraguai como as fazendas: Jacobina, Facão, Descavados e a Ressaca, onde foram construídos os primeiros engenhos e depois as primeiras usinas, que demonstraram serem grandes latifúndios e empreendimentos, produtoras de açúcar e de aguardente por volta de (1872 a 1906). Cabe ressaltar que este trabalho de pesquisa foi fundamentado nas ideias e nas concepções de autores Como: Andrade, Cervo e Bervian, Machado, Póvoas, Reis e Gomes, Siqueira, Volpato.

Diante do aqui exposto, cabe assinalar que o fazer a pesquisa, ou seja, o caminho metodológico compreendeu os vários procedimentos de ordem teórica, documental analítica e sistêmica. Neste sentido, escreveu Cervo e Bervian (1996, P.48) autores de Metodologia Científica:

(...) qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área, supõe e exige uma pesquisa bibliográfica prévia, quer para o levantamento da situação em questão, quer para fundamentação teórica ou ainda para justificar os limites e contribuições da própria pesquisa.

Partindo dessa premissa destacamos que o procedimento metodológico adotado contou com algumas etapas básicas. Inicialmente foram realizados o levantamento preliminar e as leituras do referencial bibliográfico sobre o tema em livros, jornais e revistas. Em um segundo



momento foi assistido filmes e documentários, pesquisas na internet e relatos históricos dessas fazendas, dos engenhos, e do trabalho escravo na cidade de Cáceres e em todo o estado de Mato Grosso na naquela época, sendo que os resultados obtidos estão representados por meio do texto final na forma deste artigo.

2 O TRABALHO ESCRAVO

O negro foi utilizado como a mão-de obra escrava no Brasil, desde as primeiras décadas do nosso processo de colonização, implantado pelos portugueses por voltado século (XVI), se tornando importante atividade econômica o tráfico de escravos vindos da África, para as Américas e para o Brasil, em especial para o Nordeste brasileiro onde surgiram as primeiras fazendas e os primeiros engenhos. Segundo Andrade (2001, p.14), “O tráfico de escravos era defendido tanto pelos grandes proprietários, senhores de escravos, como pelos comerciantes que com eles auferiram lucros muito elevados”.

Vale lembrar que a região do nordeste se tornou importante produtora dos mais variados produtos e derivados da cana, em especial a produção do açúcar e aguardente, produtos que eram muito cobiçados pelos europeus em especial aos portugueses sendo de grande relevância para as exportações da coroa portuguesa. Para Madureira (2002, p. 10):

À coroa portuguesa interessava que na colônia, fosse produzida grande quantidade de produtos tropicais para serem vendidos pela metrópole, ao mercado europeu. A produção de açúcar em grande escala no nordeste contribuiu para se tornar viável a colonização em território brasileiro.

Ou seja, é nesse contexto que chegam as primeiras levas de negros, ou melhor, de escravos para o nosso país, trazidos e transportados nos chamados navios negreiros. Ainda segundo (Andrade, 2001, p.13):

Os escravos adquiridos pelos negreiros, na costa africana, eram embarcados em Tumbeiros com péssimas condições de conforto, higiene e de insalubridade, destinando-se, inicialmente, aos portos do Recife e de Salvador, que desde o século XVI se tornaram os principais centros canavieiros. A concentração de negros se daria naquelas áreas de intensa cultura de produtos de exploração ou de mineração, enquanto nas áreas menos ricas era pequeno o número de negros escravos, persistindo, até o século XVIII, a escravidão indígena.

Com isso os maus tratos cometidos pelo homem branco sobre esses povos, iniciavam ainda em solo africano e continuavam no transporte dos mesmos. Em solo brasileiro esses atos de crueldades só aumentavam, pois essa relação da exploração do negro para o trabalho



escravo era muito duro e árduo com início ainda nas primeiras horas do dia e se encerrando por volta das 8 horas da noite sobre os olhares atento dos feitores dos engenhos, totalizando aproximadamente de 12 a 16 horas de trabalhos forçados.

Assim era o dia a dia do trabalhador negro em território brasileiro, onde ele foi utilizado como mão de obra escrava, primeiramente nas atividades agropastoril em especial da cana de açúcar, sendo que a exploração da mão de obra indígena em um primeiro momento ofereceu grande resistência ao homem branco, o que veio a dificultar uma relação harmoniosa entre o explorador e o explorado que naquele período era o índio segundo VOLPATO (1987, p.88):

O aparecimento e a sobrevivência dos primeiros engenhos, o plantio de cana- de- açúcar, do algodão, do café, e do fumo foram os elementos decisivos para que a metrópole enviasse para o Brasil, os primeiros escravos africanos, vindos de diversas partes da África, trazendo com eles, seus hábitos, costumes, música, dança culinária, língua, mitos, ritos, e a religião, que se infiltrou na cultura do povo brasileiro.

Lembrando que a vinda e a chegada desses povos para o Brasil, não se deu de forma pacífica e harmoniosa, pois os negros além de serem retirados de forma cruel e violenta do seio de suas famílias, sociedade e do seu país de origem ao chegarem a território brasileiro, foram tratados como animais, recebendo os mais variados tipos de castigos, brutalidades, crueldade e violência cometidos pelo homem branco que naquela época eram os portugueses donos de engenhos. Neste sentido, Reis e Gomes (2005, p.9) afirma que:

A escravidão penetrou cada um dos aspectos da vida brasileira, além de movimentarem engenhos, fazendas, minas, cidades, plantações e outras atividades. Ou seja, os escravos da África e seus descendentes imprimiram marcas próprias sobre vários outros aspectos da cultura material e espiritual deste país como: sua agricultura, culinária, religião, língua, música, artes, arquitetura e etc.

Portanto, a mão-de-obra e o trabalho escravo se desenvolveram em todos os setores, ou melhor, em todas as instâncias da sociedade brasileira naquele período, relações essas que deixaram suas marcas e vestígios culturais, em nossa sociedade até os dias de hoje, contribuindo para a grande miscigenação populacional brasileira, mesmo que esses fatos acontecem de forma forçada e contra a vontade desses povos em se manterem escravos, devido à cobiça e a ambição imposta pelos brancos em mantê-los como mão de obra escrava. Para Pinsky (2006, p.23):

O negro foi, portanto trazido para exercer o papel de força de trabalho compulsório numa estrutura que estava se organizando em função da grande lavoura. Aqui não havia muita preocupação em prover o sustento dos



produtores, mas em produzir para o mercado. Considerava-se a agricultura de subsistência um desperdício de investimento e mão-de-obra que deveriam ser dirigidos á grande lavoura. Dessa forma, a racionalidade e a eficiência da grande lavoura só poderiam ser avaliadas na medida em que atingissem esses objetivos para os quais a mão-de-obra escrava era fundamental.

Os primeiros escravos a pisar em solo Mato-grossense, tudo indica que remontam com a chegada dos primeiros bandeirantes a cruzarem as terras desse estado, ainda por volta de 1719, primeiramente por Antônio Pires de Campos e depois pelo então fundador da atual Província de Mato Grosso, Pascoal Moreira Cabral.

Sendo assim o negro foi utilizado como mão de obra escrava nas atividades agropastoril e na mineração do ouro e diamantes em Cuiabá e em outras regiões auríferas, ao lado das atividades mineradoras, no século XVIII, foram fundados os primeiros engenhos que visavam não só a produção do açúcar, mas também a fabricação da aguardente, que naquele período se tornaram produtos apenas de consumo local, pois não se produziam excedentes visando ás exportações. Como afirma Volpato (1987, p.85):

Apesar da introdução e posterior pequeno desenvolvimento da lavoura de cana, Mato grosso permaneceu como importador de açúcar. A exportação do açúcar e aguardente na região era atingida pela proibição do desenvolvimento dessas atividades em zona de mineração. Tal medida objetiva o incremento do comércio entre as zonas auríferas e a capitania de São Paulo, que passava por sérias dificuldades econômicas no início do século XVIII.

Em Mato grosso o açúcar produzido naquela época era o açúcar mascavo de cor escuro e a aguardente era de boa qualidade, nas fazendas de cana de açúcar o trabalho escravo passou por vários estágios e por momentos distintos. Primeiramente, esse processo e a inserção do trabalho escravo se deram nos engenhos, que mais tarde foram transformadas em pequenas e grandes usinas que se espalharam pelas margens do rio Cuiabá, Chapada dos Guimarães e se expandiu, para a região da fronteira sudoeste do estado, ás margens do rio Paraguai, mas precisamente até a cidade de Cáceres.

Aproveitando a ótima navegabilidade e a abertura da Bacia rio Paraguai para a navegação os usineiros viram com bons olhos, a inserção de Mato grosso no atual processo capitalista, bem como as novas transformações sociais e econômicas, imposta pela Revolução industrial que chegou a Mato grosso, via rio Paraguai e que o estado passou a fazer parte naquele período. A Usina ressaca, localizada no oeste do estado de Mato grosso, surgiu no bojo desse processo de entrada de capitais em toda a região onde as casas comerciais tiveram um papel importante de empreendedores, organizadores e comercializadores de toda a



produção regional. Ao findar o século XIX e durante as primeiras décadas do século XX, a cidade de São Luiz de Cáceres conviveu com um novo empreendimento açucareiro. Para MADUREIRA (1987 p.33):

Revelam-nos os cronistas que viveram naquele período, que o açúcar e a aguardente serviram de remédio para os mineiros que, pela dificuldade de importarem alimentos de outras regiões e ocupados em minerar, tinham nesses dois derivados de cana-de-açúcar, alimento farto em glicose e sacarose.

Na região Sudoeste o trabalho escravo se inicia, em um primeiro momento, ainda com a fundação da primeira capital de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade, visando á exploração do ouro e a mineração de metais preciosos, bem como na exploração de outros produtos vegetais, denominados de drogas do sertão como a borracha, a poaia e outras ervas medicinais. Ainda, segundo Madureira (1987, P.10):

Os escravos constituíam uma significativa parcela da sociedade mato-grossense. Era essa camada social composta de negros africanos ou seus descendentes e pelos índios, conhecidos como, negros da terra. Representavam uma mercadoria, podendo ser vendidos e até mesmo mortos por seus proprietários.

Na região de Cáceres a presença do negro como mão de obra escrava se deu, na primeira fase da pecuária, mas precisamente nas fazendas Jacobina, Facão, Descalvados e Ressaca. Falar da história de Cáceres é falar da importância e da influência social e econômica que essas fazendas desempenharam ao longo dos séculos, XVIII e XIX. Lembrando que essas fazendas, em especial a fazenda Ressaca, se tornaram de grande importância e desempenharam um importante papel não só na pecuária, mas também na produção do açúcar e de aguardente desse estado.

Estabelecida no vale do rio Paraguai, a fazenda Ressaca foi fundada por de volta de 1872 por Francisco Villa Nova, de nacionalidade espanhola. A fazenda se destacava por cultivar vários produtos como: milho, arroz, feijão, mandioca, a criação de aves, porcos e de gado, que visavam o abastecimento e o consumo próprio da fazenda. A Usina tinha também como principal fonte de produção o açúcar e a aguardente que eram produzidos na sua grande maioria por mão de obra escrava e em menor número por homens livres denominados de camaradas. Sobre essa fazenda, diz Póvoas (1985 P.44-45):

Possuía o estabelecimento a “casa grande” de residência do proprietário, o edifício da fábrica, imponente todo construído de pedra-canga lavrada, com argamassa de areia e cal, que mesmo sem ter utilizado cimento, é uma

solidez impressionante, as casas para residência de funcionários graduados da usina, cinco grupos de casas geminadas para moradia dos camaradas, depósitos, armazéns, oficina mecânica, oficina de carpintaria.

A importância dessas fazendas e também, dessas usinas estavam ligadas diretamente à figura de seus proprietários, intitulados de verdadeiros “coronéis”, que desfrutavam de grandes prestígios sociais e políticos não só na cidade como na região que essas fazendas se encontravam. Pois os senhores dos engenhos e os usineiros detinham sobre seus empregados, e sobre os seus escravos uma grande ascendência e dominação política de modo a formar o seu grande curral eleitoral, pois os votos de seus empregados é o que mantinham e garantiam a vitória eleitoral do próprio coronel ou de seus candidatos. Nesse contexto percebemos que na região sudoeste e na cidade de Cáceres, esses fatos e acontecimentos se manifestavam com as mesmas características e intensidades de outros lugares e de outras regiões do estado de Mato Grosso naquele período.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Através desta pesquisa percebemos que ao longo dos séculos, o trabalho e a escravidão, bem como as relações de trabalho no Brasil, e em todas as regiões do estado de Mato grosso, foi muito mais do que um sistema econômico e social, ela moldou e modelou condutas, definiu desigualdades sociais e raciais, cortou e forjou sentimentos, valores e hábitos culturais de dominação e de obediência. A partir dessas atitudes e condutas, instituíram-se até mesmos os lugares e os espaços em que as pessoas e os indivíduos deveriam morar, ocupar, e frequentar no meio da sociedade, povos esses que eram dominados, expropriados e muito mais explorados pelos brancos, demonstrando claramente em um sistema escravista e opressor o jogo de poder de quem mandava e quem deveria obedecer.

No Brasil escravista e em Mato grosso não foram diferentes, os negros representavam os grupos mais perseguidos e oprimidos na camada da sociedade. Dessa forma podemos afirmar que o Brasil colonial e imperial, se constituiu como uma sociedade altamente escravista e opressora. Podendo afirmar também em uma sociedade racista na medida em que negros e mestiços, escravos, libertos e livres eram tratados como seres inferiores em relação ao homem branco, ou seja, pelos senhores donos de engenhos e usineiros e coronéis da política brasileira. Por outro lado ressaltamos que até mesmo os escravos nascidos em território brasileiro passaram e receberam esse tipo de tratamento.

Concluimos então que a escravidão brasileira foi montada visando claramente à exploração econômica e da mão de obra escrava, ou das classes menos favorecidas, criando



dessa forma uma grande opressão racial. Por mais de 3 séculos a maior parte da riqueza produzida, consumida ou exportada do Brasil, foi fruto de uma intensa exploração e dominação do trabalho escravo. Pois nos vale ressaltar que das mãos desses povos, ou seja, do trabalho escravo extraíram-se os mais variados tipos de metais preciosos como: ouro, diamante, produziram-se o açúcar e a aguardente, bem como outros produtos de grande relevância não só para o consumo interno das fazendas e dos engenhos, mas também para as exportações da coroa portuguesa que representavam os reais objetivos da colonização imposta a todos os brasileiros, que aqui estavam ou que foram trazidos e traficados naquela época.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Repensando a Geografia**, o Brasil e a África. 6ª ed. São Paulo: 2001, Editora: Contexto.

CERVO, A.L e BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 4ª ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

MACHADO, Maria Fátima Roberto. **Diversidade Sociocultural em Mato Grosso**. 1ª ed. Cuiabá, Mato Grosso: 2008. Editora: Estrelinhas.

PÓVOAS, Lenine Campos. O ciclo do açúcar e a política em Mato grosso. In Siqueira, Elizabeth Madureira, **Revivendo Mato Grosso**. Cuiabá: Seduc, 1987.

REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**, História dos quilombos no Brasil. 3ª impressão, São Paulo: 2005, Editora. Companhia das letras.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso**, Da ancestralidade aos dias atuais. 1ª ed. Cuiabá, Mato Grosso: 2002, Editora: Estrelinhas.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **A conquista da terra no universo da pobreza**. São Paulo: 1987. Editora. Hucitec.